



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS
CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO

BEATRIZ RODRIGUES DE SOUZA
RAYSSA VITÓRIA TORRES DE AMORIM

**ESTIGMAS E SEXUALIZAÇÃO: a representação da figura da secretária na
série “As Telefonistas”**

Recife
2025

BEATRIZ RODRIGUES DE SOUZA

RAYSSA VITÓRIA TORRES DE AMORIM

**ESTIGMAS E SEXUALIZAÇÃO: a representação da figura da secretária na série
“As Telefonistas”**

TCC apresentado ao Curso de Secretariado Executivo da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Secretariado Executivo.

Orientadora: Prof.^a Ma. Karina Dias
Lacerda da Costa

Recife

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Souza, Beatriz Rodrigues de.

Estigmas e sexualização: a representação da secretária na série "As Telefonistas" / Beatriz Rodrigues de Souza, Rayssa Vitória Torres de Amorim. - Recife, 2025.

39 : il.

Orientador(a): Karina Dias Lacerda da Costa

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Secretariado Executivo - Bacharelado, 2025.

Inclui referências, anexos.

1. Secretariado executivo. 2. Estigmas. 3. Gênero. 4. Sexualização. 5. Representações midiáticas. 6. As telefonistas. I. Amorim, Rayssa Vitória Torres de. II. Costa, Karina Dias Lacerda da. (Orientação). III. Título.

300 CDD (22.ed.)

BEATRIZ RODRIGUES DE SOUZA
RAYSSA VITÓRIA TORRES DE AMORIM

**ESTIGMAS E SEXUALIZAÇÃO: a representação da figura da secretária na série
“As Telefonistas”**

TCC apresentado ao Curso de Secretariado
Executivo da Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Ciências Sociais
Aplicadas, como requisito para a obtenção do
título de Bacharel em Secretariado Executivo.

Aprovado em: 19/08/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **KARINA DIAS LACERDA DA COSTA**
Data: 21/10/2025 09:04:04-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Ma. Karina Dias Lacerda da Costa (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Documento assinado digitalmente
 **BRUNA MARIA FREITAS DE SOUSA**
Data: 22/10/2025 10:42:08-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Ma. Bruna Maria Freitas de Sousa (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Documento assinado digitalmente
 **ANA MARIA DA MOTA SALES DE SOUZA**
Data: 21/10/2025 09:47:14-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Ma. Ana Maria da Mota Sales de Souza (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os estigmas e a sexualização que envolvem a figura da secretária, a partir da representação simbólica construída pela série *As Telefonistas*, produzida pela Netflix. Com base em uma abordagem qualitativa e interpretativa, o estudo recorre ao método de análise de conteúdo e fundamenta-se em referenciais teóricos que abordam gênero, trabalho, mídia e representações sociais, como Joan Scott, Pierre Bourdieu, Silvia Federici, Stuart Hall, Denise Jodelet e bell hooks. A pesquisa identifica como as narrativas midiáticas, ao longo do tempo, contribuíram para consolidar imagens estereotipadas da profissional de secretariado, frequentemente associadas à subalternidade, à sensualidade e à docilidade. A série, apesar de ambientada na década de 1920, revela tensões simbólicas ainda presentes na realidade contemporânea, expondo tanto as formas de opressão quanto os movimentos de resistência protagonizados pelas mulheres em ambientes corporativos. A partir disso, a análise aproxima ficção e realidade para refletir sobre os desafios enfrentados pela profissão no Brasil, incluindo a luta por reconhecimento, valorização e desconstrução dos estigmas de gênero. Este trabalho contribui para o debate sobre a identidade profissional do Secretariado Executivo e propõe uma leitura crítica das representações culturais que impactam o exercício da função na atualidade.

Palavras-chave: secretariado executivo; estigmas; gênero; sexualização; representações midiáticas; as telefonistas.

ABSTRACT

This study investigates the stigmas and sexualization surrounding the role of the secretary, as represented in the Spanish series *Las Chicas del Cable* ("Cable Girls"), available on Netflix. By analyzing the fictional narrative through a post-Marxist theoretical lens and a qualitative approach, the research explores how media representations reinforce or subvert stereotypes historically associated with female professionals in administrative and support roles. Grounded in the concepts of gender, symbolic violence, media representations, and the feminization of labor, the work demonstrates how the image of the secretary is often constructed based on

expectations of beauty, docility, and emotional availability, reducing the strategic complexity of the profession. The analysis reveals that fiction, even when situated in the past, reflects and influences contemporary perceptions of the Executive Secretariat, offering both a mirror and a tool for critical reflection. The series portrays female characters navigating oppressive structures while resisting through collective action and individual agency, contributing to the construction of alternative imaginaries for professional women. The study highlights the need to deconstruct symbolic representations that delegitimize the profession and advocates for the recognition of the Secretary as a strategic, technical, and political agent within organizations.

Keywords: executive secretariat; gender; sexualization; stereotypes; media representations; cable girls.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA PROFISSÃO DE SECRETARIADO EXECUTIVO	9
2.1	Origem da profissão	9
2.2	A profissão no século XX	10
2.3	Estigmas sociais e a desvalorização simbólica da profissão	11
3	FUNDAMENTOS PARA ENTENDER O LUGAR D ASECRETÁRIA	12
3.1	Gênero, trabalho e sexualização: definições e interseções	12
3.2	Secretariado Executivo e os estigmas de gênero	14
3.3	Representações sociais e o imaginário midiático sobre a mulher profissional	15
4	METODOLOGIA	17
5	REPRESENTAÇÕES DA SECRETÁRIA NA MÍDIA	18
5.1	Panorama da representação da secretária na mídia	18
5.2	Sexualização e estereótipos midiáticos	19
5.3	Consequências dessas representações na percepção pública da profissão	20
6	ANÁLISE DA SÉRIE “AS TELEFONISTAS”	21
6.1	Contexto histórico da série: Europa nos anos 1920	21
6.2	A figura da secretária e da telefonista no enredo	23
6.3	Relações de gênero, poder e aparência profissional	26
6.4	Sexualização, subalternidade e resistência	30
6.5	Relações entre ficção e realidade: aproximações com o exercício do Secretariado Executivo	32
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a inserção das mulheres no mercado de trabalho foi marcada por barreiras sociais, simbólicas e institucionais impostas por estruturas patriarcais. Profissões que hoje são tradicionalmente femininas, como o secretariado, foram e continuam sendo atravessadas por discursos que reduzem sua complexidade técnica e estratégica a funções meramente operacionais, subservientes ou estéticas. Esses discursos não surgem no vazio, mas são construídos e legitimados socialmente por meio de representações midiáticas, culturais e institucionais que refletem e produzem relações de poder.

A profissão de Secretariado Executivo tem suas raízes nos escribas da Antiguidade, responsáveis por atividades como registro de informações, contabilidade e redações (Nonato, 2009). Nesse contexto inicial, tratava-se de uma função exercida exclusivamente por homens, dotada de prestígio e confiança, próxima dos centros decisórios políticos e religiosos. Apenas no século XX, sobretudo durante e após as grandes guerras, as mulheres passaram a ocupar em larga escala a função secretarial, que, nesse novo cenário, foi ressignificada a partir de estereótipos de gênero que associavam a mulher à docilidade, à organização, à discrição e ao cuidado. No entanto, essa mesma construção simbólica contribuiu para a erotização da figura da secretária ao reforçar uma imagem de subordinação e disponibilidade, evidenciada pela ideia de que a profissional deveria não apenas servir, mas também agradar.

Nesse contexto, a mídia desempenha um papel central na produção simbólica da realidade. Segundo Simoneau e Oliveira (2014), os meios de comunicação selecionam, reforçam e silenciam aspectos da realidade com o objetivo de influenciar a percepção coletiva sobre determinados grupos sociais. No caso da secretária, o cinema, as séries e as propagandas têm atuado como agentes de consolidação de um arquétipo funcional, hipersexualizado e subordinado às figuras masculinas de autoridade. Esse tipo de construção simbólica é sustentado por lógicas patriarcais que delimitam o lugar da mulher profissional tanto no imaginário social quanto nas práticas institucionais.

A série espanhola *Las Chicas del Cable* (2017), conhecida no Brasil como *As Telefonistas*, ambientada na década de 1920, constitui-se como um objeto potente de análise nesse contexto. Embora não trate diretamente do Secretariado Executivo

moderno, a série retrata personagens que atuam em funções de suporte administrativo e comunicacional, estabelecendo paralelos claros com as secretárias da época. A escolha dessa obra como *corpus* se justifica por seu conteúdo dramático representar, de forma simbólica, os conflitos sociais vividos por mulheres que tentavam ocupar espaços no mundo do trabalho, enfrentando opressões, assédios e mecanismos de controle de gênero.

Diante disso, este trabalho busca responder à seguinte pergunta: como a série *As Telefonistas* representa a figura da secretária e de que forma essa representação reforça estigmas de gênero e sexualização associados à profissão? A partir dessa questão, pretende-se analisar criticamente os elementos narrativos e simbólicos da obra, conectando-os ao contexto histórico e socioprofissional do Secretariado Executivo, uma vez que a hipótese que norteia esta investigação é a de que a série, embora situe sua narrativa em um contexto de luta e emancipação feminina, opera de forma ambivalente, pois, ao mesmo tempo em que critica abertamente as estruturas de opressão patriarcal, ela inevitavelmente recorre a (e, por vezes, reforça) certos estigmas visuais e narrativos associados à figura da mulher em funções de suporte, revelando a complexidade e as contradições do discurso midiático sobre o tema.

Acredita-se que repensar criticamente essa imagem contribui para o fortalecimento da valorização do Secretariado Executivo como uma profissão estratégica e multifuncional, além de colaborar para o enfrentamento de estruturas simbólicas que sustentam desigualdades de gênero no mundo do trabalho. Como afirma Glocer Fiorini (2019), discursos sexistas muitas vezes perpetuam-se mascarados de neutralidade, humor ou sedução, o que dificulta sua contestação direta e amplia sua eficácia simbólica. Assim, é urgente analisar como esses discursos se estruturam e se mantêm através da cultura midiática.

A partir dessa análise, serão evidenciados os desafios enfrentados pelas secretárias desde a origem da profissão, suas motivações e as transformações ocorridas ao longo do tempo, considerando a mídia como um campo discursivo de disputa em que diferentes representações competem pela hegemonia dos sentidos atribuídos ao feminino e à profissionalização.

2 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA PROFISSÃO DE SECRETARIADO EXECUTIVO

2.1 Origem da profissão

A profissão de secretariado tem raízes milenares que remontam às primeiras civilizações organizadas, nas quais o domínio da escrita era uma habilidade rara e altamente valorizada. Na Antiguidade, os primeiros registros dessas atividades remetem ao período dos faraós, quando as funções secretariais eram exercidas pelos escribas - exclusivamente homens - cuja formação ocorria em escolas especializadas. Esses profissionais exerciam funções técnicas, originando o que hoje se entende como secretário. Por dominarem saberes valiosos como leitura, escrita e conhecimento político-administrativo, esses indivíduos tornaram-se assessores de reis e figuras de poder (Azevedo; Costa, 2004, p. 17-18).

Sabino e Rocha (2004, p. 4) reforçam que os escribas eram “trabalhadores valiosos e requisitados às primeiras ações de organização burocrática na história social”, sendo exigido deles domínio da língua, da literatura e da história do seu país. Tais características seriam posteriormente incorporadas ao perfil do profissional de secretariado contemporâneo.

Com o fortalecimento dos Estados modernos e com as transformações desencadeadas pela Revolução Industrial, a atividade secretarial ganhou espaço nas áreas comerciais e administrativas. A crescente complexificação das organizações, a expansão do comércio e a burocratização das instituições exigiram a formação de profissionais voltados à organização documental, à mediação da comunicação institucional e ao controle das rotinas internas (Moreira *et al.*, 2021).

Essa transição marcou o surgimento de um novo perfil ocupacional: técnico, confiável, organizado e próximo aos centros decisórios. Nesse período, o exercício da profissão ainda era predominantemente masculino e carregava prestígio, associado à confiança e à proximidade com os espaços de poder. Com as grandes guerras mundiais e a necessidade de reposição da força de trabalho, as mulheres passaram a assumir em larga escala funções administrativas e secretariais. Esse movimento de feminização, contudo, não foi neutro: ao mesmo tempo em que abriu oportunidades de inserção no mercado formal, produziu um rebaixamento simbólico da profissão, que perdeu parte do reconhecimento social e do prestígio historicamente conferido

aos homens que a exerciam, revelando como as relações de gênero impactaram diretamente a sua valorização.

2.2 A profissão no século XX

O século XX marcou uma inflexão definitiva na constituição do secretariado como profissão. As duas Guerras Mundiais, particularmente a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), foram determinantes para a reconfiguração do mercado de trabalho, pois a ausência de homens mobilizados para a *front* abriu espaço para que as mulheres ocupassem cargos administrativos até então dominados por homens. Segundo Sabino e Rocha (2004), esse movimento foi decisivo para o ingresso feminino em funções de suporte burocrático, como arquivamento, datilografia, atendimento telefônico e organização documental.

Essa inserção, inicialmente percebida como temporária, consolidou-se ao longo das décadas seguintes. Ferreira (2011) destaca que a escassez de mão de obra masculina, especialmente na Europa e nos Estados Unidos, favoreceu a predominância feminina nas atividades secretariais. Com o avanço da industrialização, o crescimento do comércio e o fortalecimento do Estado burocrático, cresceu também a demanda por profissionais organizados, discretos e eficientes, características atribuídas, de modo estereotipado, ao perfil feminino da época.

No contexto dessa transformação, destacam-se algumas atividades que passaram a compor o cotidiano da profissão. A datilografia tornou-se a habilidade central das secretárias, exigindo precisão e agilidade. Com a popularização das máquinas de escrever, as profissionais eram treinadas em escolas técnicas e cursos específicos que também incluíam taquigrafia e normas de conduta. Outro elemento marcante era a recepção de clientes e fornecedores, função que demandava cordialidade, boa apresentação e domínio da linguagem formal, atributos que reforçavam o papel da secretária como representante da empresa diante do público (Secretária Sublime, 2015).

As secretárias também eram responsáveis pela redação e transcrição de atas, correspondências e relatórios ditados pelos gestores, exigindo discrição e domínio da norma culta. Além disso, organizavam agendas, arquivavam documentos e faziam o atendimento telefônico, o que exigia conhecimento dos fluxos internos e capacidade de articulação organizacional (Nogueira; Oliveira, 2013).

No Brasil, esse processo de profissionalização só se consolidaria a partir da década de 1950, fortemente influenciado por modelos europeus e norte-americanos. Com o avanço da cultura empresarial e a inserção da mulher nos escritórios urbanos, a profissão começou a ser reconhecida como um campo técnico de atuação feminina, embora ainda fortemente marcado por desigualdades e estigmas (Nogueira; Oliveira, 2013).

2.3 Estigmas sociais e a desvalorização simbólica da profissão

A construção da imagem da secretária como uma profissional submissa, esteticamente padronizada e voltada ao atendimento de figuras masculinas de autoridade não se deu de forma aleatória, mas resulta de um processo histórico e social de subversão das mulheres dentro do patriarcado. Com a entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho, especialmente nas funções secretariais, no início do século XX, houve uma transposição simbólica da lógica doméstica para o ambiente laboral. As mulheres, historicamente associadas ao espaço privado, ao cuidado do lar e à obediência às figuras masculinas, passaram a ocupar posições que, embora inseridas no mundo produtivo, reproduziam estruturas semelhantes às do trabalho doméstico: a organização, o suporte, a descrição e o serviço. Essa transferência de sentidos contribuiu para a desvalorização da profissão, que deixou de ser percebida como uma função técnica e estratégica para ser enquadrada como uma atividade de apoio subordinado. Ao mesmo tempo, o imaginário social passou a representar a secretária por meio de estereótipos que reforçavam a dependência e a disponibilidade, esvaziando o reconhecimento de sua competência profissional.

Segundo Nogueira e Oliveira (2013, p. 14), essa mudança de percepção se deu quando "o papel da secretária foi moldado por exigências comportamentais e estéticas, reduzindo seu valor técnico e estratégico". Assim, o processo de feminização da profissão, longe de significar uma valorização, intensificou estigmas que até hoje impactam a identidade do Secretariado Executivo. Como afirmam Sabino e Rocha (2004), a associação entre o feminino e o cuidado, a docilidade e a organização foi naturalizada, o que ajudou a consolidar a visão da secretária como alguém predisposta à obediência e à afetividade, em detrimento de sua capacidade técnica.

Outro fator central na construção desses estigmas foi a imposição de um padrão estético e comportamental normativo. Desde os primeiros cursos de formação técnica, as mulheres eram orientadas a manter uma postura discreta, elegante e cordial. Brun, Cechet e Neumann (2013) ressaltam que a boa aparência sempre foi considerada um diferencial, sendo exigida como parte das competências profissionais. A imagem da secretária como figura auxiliar, disciplinada e esteticamente adequada à função foi sendo consolidada a partir da própria formação técnica e do modelo empresarial majoritariamente masculino e hierárquico.

Com o avanço da cultura midiática, esses estigmas passaram a ser reforçados por representações estereotipadas da figura da secretária em filmes, comerciais e séries de televisão. A partir da década de 1920, essa profissional passou a ser cada vez mais associada à beleza, charme e disponibilidade. A sexualização da secretária tornou-se um recurso narrativo recorrente, obscurecendo suas competências técnicas e reforçando a ideia de subserviência e superficialidade.

Essas representações simbólicas atuam diretamente na desvalorização da profissão, perpetuando um ciclo de invisibilização das habilidades técnicas, intelectuais e estratégicas das profissionais do secretariado. A origem dos estigmas, portanto, não reside nas atribuições da função em si, mas na maneira como ela foi historicamente moldada a partir de uma perspectiva de gênero, que privilegia atributos estéticos em detrimento da competência profissional. Esse processo ainda representa um desafio a ser superado na luta pelo reconhecimento e valorização do Secretariado Executivo.

3 FUNDAMENTOS PARA ENTENDER O LUGAR DA SECRETÁRIA

3.1 Gênero, trabalho e sexualização: definições e interseções

O conceito de gênero, ao contrário de uma categoria puramente biológica, é compreendido como uma construção social, relacional e histórica que atravessa os sujeitos e suas experiências no mundo. Segundo Joan Scott (1995, p. 16), gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e um modo de significar relações de poder. Essa construção social implica, portanto, que as posições ocupadas por homens e mulheres na sociedade não são naturais, mas socialmente organizadas e mantidas por instituições, discursos e práticas simbólicas.

No campo do trabalho, as relações de gênero são marcadas pela divisão sexual das ocupações. Federici (2017) ressalta que a entrada das mulheres no mundo do trabalho sempre esteve condicionada à manutenção de papéis tradicionalmente femininos, como o cuidado, a organização e a comunicação, o que ajuda a explicar a concentração feminina em profissões como o Secretariado Executivo. Essa inserção não representou, contudo, uma ruptura com o machismo estrutural, mas sim uma adaptação funcional a ele, onde a presença da mulher se tornou aceitável desde que cumprisse certas expectativas comportamentais e estéticas. Profissões como enfermagem, pedagogia, serviço social e recursos humanos também ilustram essa tendência, sendo marcadas por uma feminização que não é acompanhada de reconhecimento social equivalente.

Nesse cenário, a sexualização da mulher no ambiente de trabalho torna-se um mecanismo simbólico de controle. Como afirma bell hooks (2019), em "O feminismo é para todo mundo", o corpo feminino foi historicamente transformado em objeto visual e disciplinado para servir aos desejos masculinos, inclusive no contexto profissional. Profissões como a de secretária são frequentemente retratadas pela mídia sob esse viés, reduzindo a complexidade técnica da função à aparência física e à disponibilidade emocional. Essa representação simbólica naturaliza práticas de erotização e contribui para a desvalorização da profissional enquanto agente estratégico dentro das organizações.

A perspectiva ontológica também se mostra relevante para pensar o lugar da mulher no trabalho. Simone de Beauvoir (1949), em "O segundo sexo", argumenta que a mulher foi historicamente constituída como o "Outro" do homem, o que ainda repercute na forma como sua atuação profissional é percebida: não como universal ou neutra, mas como marcada por sua corporeidade e feminilidade. Assim, o "ser mulher" em um ambiente organizacional é sempre atravessado por olhares, julgamentos e expectativas que não incidem da mesma forma sobre os homens. Essa divisão simbólica também se manifesta na separação entre atividades consideradas "masculinas", associadas ao raciocínio, liderança e tomada de decisão, e aquelas tidas como "femininas", ligadas à escuta, acolhimento e suporte emocional. Tal lógica aprofunda a desigualdade e limita as possibilidades de mobilidade e reconhecimento das mulheres no mercado de trabalho.

3.2 Secretariado Executivo e os estigmas de gênero

O processo de profissionalização do Secretariado Executivo, embora marcado por avanços acadêmicos, técnicos e legais, ainda enfrenta desafios relacionados à sua identidade social e reconhecimento institucional. Historicamente vinculado ao exercício de atividades de apoio, organização e comunicação tradicionalmente atribuídas às mulheres, o secretariado tornou-se uma profissão amplamente feminilizada e, por consequência, alvo de estereótipos que comprometem sua valorização profissional.

As relações de poder significadas pelo gênero, conforme define Joan Scott (1995), encontram no conceito de violência simbólica de Pierre Bourdieu (1999) uma explicação para sua eficácia. Para Bourdieu, a dominação não se dá apenas pela força, mas por mecanismos sutis que naturalizam as hierarquias, fazendo com que os próprios dominados as percebam como legítimas. No caso do secretariado, a desvalorização da profissão está relacionada à sua associação com a figura feminina submissa, prestativa e esteticamente agradável, reforçada por discursos sociais, empresariais e midiáticos que reduzem a atuação da profissional a papéis secundários e ornamentais.

Essa lógica patriarcal é sustentada por um sistema de reconhecimento desigual, como explica Nancy Fraser (2006), ao afirmar que a justiça social não pode se limitar à redistribuição econômica, mas deve também considerar a justiça simbólica — isto é, a luta pelo reconhecimento e pela dignidade das identidades marginalizadas. Profissões feminilizadas, como o secretariado, sofrem com esse duplo apagamento: são subvalorizadas economicamente e simbolicamente, mesmo quando desempenham funções de grande responsabilidade e relevância dentro das organizações.

Além disso, como apontam Vieira, Zuin e Franklin (2022), em estudo sobre a construção da profissão, o Secretariado Executivo enfrenta dificuldades na consolidação de sua identidade profissional devido à persistência de estigmas históricos que o associam a uma ocupação de apoio irrelevante. Esses estigmas, segundo as autoras, dificultam o reconhecimento das competências técnicas e gerenciais da área, e se manifestam tanto nas relações hierárquicas dentro das instituições quanto na imagem pública da profissão. Soma-se a isso o impacto das representações midiáticas, que alimentam a percepção de que a secretária é uma

figura periférica, sensualizada e voltada exclusivamente ao atendimento de chefias masculinas, perpetuando uma imagem incompatível com o perfil estratégico atual da profissão.

Portanto, analisar criticamente os estigmas que recaem sobre o Secretariado Executivo implica compreender como discursos de gênero e representações culturais ainda atuam na definição simbólica de sua identidade. Reconhecer esse processo é um passo fundamental para promover a valorização da profissão e desconstruir os rótulos que a desqualificam. Nesse sentido, faz-se necessário destacar os esforços contemporâneos da categoria em buscar regulamentação, formação continuada, atuação em áreas estratégicas e participação na gestão organizacional.

3.3 Representações sociais e o imaginário midiático sobre a mulher profissional

As representações sociais são compreendidas como formas de conhecimento coletivo que orientam percepções e comportamentos sociais neste trabalho. De acordo com Moscovici (2012), essas representações são construídas a partir de processos comunicacionais e culturais que estabilizam significados sobre o mundo e os grupos sociais que nele existem. Elas não apenas refletem a realidade, mas participam ativamente de sua constituição simbólica. Dessa forma, a maneira como uma profissão é representada socialmente impacta diretamente sua legitimidade, prestígio e reconhecimento. Como afirma Jodelet (2001), as representações sociais funcionam como esquemas interpretativos que organizam as experiências do sujeito e regulam práticas sociais, o que as torna fundamentais para a compreensão das formas de estigmatização e valorização profissional.

No caso das profissões atribuídas historicamente às mulheres, especialmente aquelas que envolvem atividades de suporte, como o Secretariado Executivo, as representações sociais frequentemente reproduzem estereótipos ligados à afetividade, à obediência e à estética corporal. Tais atributos, ao serem reiteradamente associados a figuras femininas no espaço profissional, contribuem para a manutenção de uma imagem subalterna dessas funções, mesmo quando essas exigem competências técnicas e estratégicas elevadas (Vieira, Zuin e Franklin, 2022).

É nesse ponto que o conceito de representações sociais de Denise Jodelet (2001) se torna crucial. Se, como aponta Stuart Hall (2003), a mídia constrói sentidos

sobre o mundo, são as representações sociais o mecanismo pelo qual esses sentidos se tornam um “saber de senso comum”, orientando a percepção pública sobre a profissão de secretariado. Significa dizer que, ao apresentar repetidamente determinadas imagens da mulher profissional como a secretária hipersexualizada, a telefonista submissa ou a assistente sedutora, o discurso midiático consolida um imaginário simbólico que ultrapassa a ficção e molda expectativas sociais reais.

Berger e Luckmann (2004) também destacam que a realidade social é uma construção sustentada por processos de institucionalização simbólica. Nesse sentido, os produtos midiáticos como filmes, novelas e séries, funcionam como agentes de legitimação de determinadas visões de mundo. Isto é, se por um lado a figura da secretária aparece com frequência nas telas como personagem secundária, sensual e/ou disponível, por outro também é concebida como personagem cômico e decorativo. Essa construção, mesmo ficcional, atua sobre a percepção social da profissão e dificulta seu reconhecimento enquanto campo de saber especializado e atuação estratégica.

Além disso, autores como Rosalind Gill (2007) alertam que, na cultura midiática contemporânea, o sexismo é frequentemente disfarçado de humor, liberdade ou empoderamento aparente. Em sua análise sobre o pós-feminismo e os discursos publicitários, Gill argumenta que a objetificação da mulher é muitas vezes apresentada como escolha pessoal, mascarando as estruturas de poder subjacentes e reforçando papéis tradicionalmente subordinados de forma sutil. Assim, representações que parecem progressistas podem, na verdade, reforçar sutilmente a mesma lógica patriarcal que historicamente subordinou a mulher. Esse discurso ambíguo contribui para a naturalização de desigualdades e dificulta a contestação direta de narrativas estereotipadas.

Dessa forma, compreender as representações sociais e midiáticas que recaem sobre a figura da secretária permite evidenciar os mecanismos simbólicos que sustentam sua desvalorização e sexualização. A análise da série *As Telefonistas*, nesse contexto, torna-se um instrumento potente para questionar essas construções, observando como a ficção dialoga com a realidade social e como pode, ao mesmo tempo, reforçar ou subverter os discursos vigentes sobre a mulher profissional.

4 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo, estruturada sob a forma de um Estudo de Caso. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se por permitir investigar os significados e sentidos atribuídos às representações da figura da secretária no contexto midiático, especialmente no que se refere aos estigmas sociais, à feminização e à sexualização da profissão. O caráter descritivo da pesquisa relaciona-se ao esforço de identificar, organizar e apresentar os elementos que compõe a representação da secretária na série analisada, descrevendo de forma detalhada os aspectos visuais, verbais e narrativos que reforçam ou questionam os estereótipos.

O objeto empírico central é a série *Las Chicas del Cable* (2017), ambientada na Espanha dos anos 1920. Essa produção foi escolhida por retratar um período marcante para a inserção feminina em funções administrativas, como telefonistas e assistentes, atividades que, embora ainda não formalizadas como Secretariado Executivo, antecipam características fundamentais da profissão. A narrativa evidencia conflitos de gênero, imposições estéticas e práticas de subalternização simbólica, além de oferecer elementos para compreender como a mídia constrói e dissemina representações sociais sobre o trabalho feminino. Nesse sentido, a série constitui um rico material para analisar os estigmas históricos do secretariado sob uma perspectiva crítica e contextualizada.

A análise foi conduzida a partir de um Estudo de Caso da série *Las Chicas del Cable*, considerando todas as suas temporadas. O foco recaiu sobre cenas e narrativas que evidenciam o exercício de atividades administrativas pelas personagens femininas, as relações de poder entre gêneros, as exigências estéticas impostas às trabalhadoras e as formas de resistência presentes na trama. A leitura crítica do conteúdo foi organizada em torno de categorias como feminização e desvalorização da função, estigmas sociais e simbólicos, sexualização da imagem da secretária e reconfiguração de papéis profissionais. Também foram observados elementos de construção discursiva e audiovisual, tais como a composição dos diálogos (o que é dito e, sobretudo, o que é silenciado), as relações de poder expressas na linguagem corporal dos personagens, o uso do figurino e da maquiagem como marcadores de identidade e, ainda, a forma como a montagem e a fotografia (*mise-en-scène*) constroem atmosferas de vigilância, opressão ou resistência. Esses

elementos foram descritos e interpretados à luz dos objetivos do estudo e do contexto histórico e social da profissão de Secretariado Executivo.

5 REPRESENTAÇÕES DA SECRETÁRIA NA MÍDIA

5.1 Panorama da representação da secretária na mídia

A figura da secretária ocupa, há décadas, um lugar recorrente no imaginário popular construído por diferentes mídias. Desde as primeiras produções cinematográficas até séries, novelas, propagandas e campanhas comemorativas, o perfil da profissional de secretariado tem sido delineado por elementos simbólicos que muitas vezes se distanciam da realidade complexa e multifacetada do seu exercício profissional. Essas representações foram historicamente marcadas por uma posição de subalternidade, proximidade hierárquica com figuras de poder (em geral, masculinas), e uma forte carga estética e comportamental atribuída às personagens.

De acordo com Brun, Cechet e Neumann (2012), a mídia reproduz e reforça padrões de feminilidade que se alinham às exigências comportamentais esperadas da secretária: docilidade, afeto e aparência. No cinema, a secretária frequentemente surge como coadjuvante, servindo para dar suporte à narrativa masculina, seja como facilitadora dos planos do chefe, objeto de desejo ou figura caricata. Filmes como "O Diabo Veste Prada" (2006), "Como Eliminar seu Chefe" (1980) e "A Secretária" (2002) demonstram como essas construções são reiteradas. Personagens com traços como docilidade forçada, eficiência estética e erotização velada ou explícita acabam fixando um imaginário simbólico empobrecido sobre o papel da profissional.

Na televisão brasileira, novelas como "Vale Tudo" (1988) também contribuíram para cristalizar uma imagem estigmatizada da secretária. A personagem Aldeíde Candeias, analisada por pesquisadores como Costa (2020), é retratada como desqualificada, fofoqueira e emocionalmente instável, aspectos que reforçam uma percepção negativa da função e limitam sua imagem a dimensões que pouco refletem a atuação profissional contemporânea.

Contudo, algumas produções recentes apresentam contrapontos importantes a esse imaginário. A série espanhola "Las Chicas del Cable", conhecida no Brasil como *As Telefonistas*, ambientada na década de 1920, retrata a trajetória de quatro mulheres que trabalham em uma companhia de telefonia em Madri. Embora não se trate estritamente da profissão de secretariado executivo, as personagens assumem

funções administrativas, de organização, comunicação e apoio, que se assemelham às que compõem historicamente o escopo secretarial. A série propõe uma ruptura com o modelo tradicional de representação, ao posicionar essas mulheres como protagonistas de suas histórias, atravessadas por conflitos sociais, opressões de gênero e lutas por autonomia.

Por meio de suas personagens principais — Lídia, Marga, Carlota e Ángeles, *As Telefonistas* aborda temas como abuso de poder, desigualdade salarial, violência doméstica, racismo, lesbofobia e repressão política. Ao mesmo tempo, a narrativa insere elementos de solidariedade feminina, formação de redes de apoio, enfrentamento ao patriarcado e busca por emancipação pessoal e profissional. Esse movimento simbólico de resistência, apesar de situado no passado, dialoga fortemente com o contexto contemporâneo do Secretariado Executivo, que ainda lida com os reflexos desses estigmas e desafios estruturais.

A representação das telefonistas como figuras conscientes, articuladas e críticas oferece um novo modelo possível para o imaginário da mulher profissional em áreas de suporte. A série questiona os limites entre submissão e autonomia, estética e competência, afetividade e estratégia. Assim, *As Telefonistas* não apenas resgata a historicidade das lutas femininas no mundo do trabalho, como também contribui para a construção de contraimaginários mais alinhados com a realidade profissional das mulheres que atuam no campo do secretariado.

5.2 Sexualização e estereótipos midiáticos

A construção midiática da figura da secretária não se limita a aspectos funcionais ou profissionais. Pelo contrário, grande parte dessas representações está ancorada em estereótipos de gênero que reforçam padrões sexistas e normativos. A sexualização da profissional é um dos elementos mais recorrentes, seja em filmes, novelas ou campanhas publicitárias. Essa sexualização não se manifesta apenas pela aparência física ou figurino das personagens, mas também pelos enredos que envolvem desejo, submissão e romantização de relações hierárquicas.

Gill (2007) argumenta que, na cultura midiática contemporânea, o sexismo adota formas mais sutis, camuflado sob discursos de empoderamento, humor ou liberdade. Nesse sentido, a figura da secretária sensual, embora aparentemente empoderada em alguns contextos, continua inserida em narrativas que reforçam seu

papel secundário e sua função de agradar e servir. Isso se evidencia na forma como a mídia associa características desejáveis à profissão: juventude, beleza, disposição e subserviência emocional.

As pesquisas de Terra, Uchimura e Scopinho (2012) demonstram como essas imagens são reforçadas anualmente em datas comemorativas como o Dia da Secretária, quando comerciais, matérias jornalísticas e peças institucionais retratam a profissional sob óticas romantizadas, superficiais e, na maioria das vezes, ofensivas. Esse padrão de representação tem impacto direto na maneira como a sociedade percebe o papel das secretárias e na forma como as próprias profissionais se veem dentro do ambiente organizacional.

Na contramão dessas representações, a série *As Telefonistas* apresenta personagens que rompem com o molde tradicional da mulher decorativa e passiva. Ainda que as protagonistas enfrentem, em diversos momentos, formas de violência simbólica e sexual, suas trajetórias não se limitam à condição de vítimas. Ao contrário, elas se reorganizam, enfrentam as opressões e reivindicam espaços de poder e liberdade. Essa abordagem oferece uma alternativa à figura da secretária hipersexualizada, projetando novas possibilidades de identificação para mulheres que atuam em funções de suporte estratégico.

5.3 Consequências dessas representações na percepção pública da profissão

As representações midiáticas da secretária não são neutras; ao contrário, elas desempenham papel ativo na constituição da imagem pública da profissão. Quando constantemente associada à estética, à passividade e à sexualidade, a profissão é reduzida a um estereótipo que compromete sua valorização social e simbólica. Como destaca Bourdieu (1999), as estruturas simbólicas atuam como formas de violência que naturalizam desigualdades, dificultando a mobilidade e o reconhecimento profissional.

A imagem da secretária como figura decorativa, acessória e domesticada afeta diretamente a maneira como os empregadores, colegas e até mesmo os currículos acadêmicos percebem o campo do Secretariado Executivo. Essa percepção prejudica o reconhecimento das competências técnicas, estratégicas e gerenciais que compõem a formação da profissional e obscurece seu papel como agente essencial nos processos organizacionais.

Além disso, como mostram os estudos de Paim e Pereira (2010), há um impacto direto também na autoestima e nas oportunidades das mulheres negras, que enfrentam barreiras adicionais devido aos padrões estéticos eurocentrados que permeiam a representação midiática da profissão. A presença quase exclusiva de mulheres brancas, magras e heteronormativas nas narrativas midiáticas colabora para a invisibilização de uma parcela significativa das profissionais reais, tornando ainda mais urgente a desconstrução desses imaginários.

Por fim, a reprodução de tais estereótipos afeta inclusive as trajetórias acadêmicas e profissionais de estudantes da área, que muitas vezes precisam lidar com o peso simbólico de uma imagem social distorcida. A crítica às representações midiáticas da secretária, portanto, não se trata apenas de um exercício discursivo, mas de uma estratégia necessária para a valorização da profissão, o reconhecimento da diversidade de perfis que a compõem e a construção de novos imaginários possíveis, mais condizentes com a realidade do Secretariado Executivo contemporâneo. A série *As Telefonistas*, ao lançar luz sobre a complexidade das experiências femininas em ambientes de trabalho e ao propor uma narrativa de resistência e empoderamento, contribui para esse movimento de revisão crítica e transformação simbólica.

6 ANÁLISE DA SÉRIE “AS TELEFONISTAS”

6.1 Contexto histórico da série: Europa nos anos 1920

A série *Las Chicas del Cable (As Telefonistas)*, lançada em 2017 pelo serviço de streaming norte-americano Netflix, ambienta-se na Espanha do final da década de 1920, um período de transformações significativas em toda a Europa. A trama é situada em Madrid, capital da Espanha, tendo como plano de fundo a fundação de uma grande companhia telefônica nacional. Embora com elementos ficcionais e dramatúrgicos, a obra reflete tensões sociais, culturais e políticas características da época, especialmente aquelas relacionadas à modernização urbana, ao avanço tecnológico e à progressiva inserção da mulher no espaço público e no mercado de trabalho.

O entre-guerras europeu (1918–1939) foi um momento de redefinição de papéis sociais. A Primeira Guerra Mundial (1914–1918) deixou como herança não apenas ruínas físicas e políticas, mas também um cenário de reconfiguração do

trabalho, das instituições e das relações de gênero. A ausência masculina provocada pelo recrutamento para os campos de batalha impulsionou, durante o conflito, a entrada de mulheres em áreas antes exclusivas aos homens, como indústrias, escritórios e repartições públicas. Segundo Sabino e Rocha (2004), essa movimentação gerou uma redefinição simbólica e prática do lugar da mulher na sociedade, ainda que muitas dessas funções lhes tenham sido retiradas com o retorno dos soldados.

Nos anos 1920, essa presença feminina fora do espaço doméstico não apenas se consolidou em alguns setores, como se tornou símbolo da modernidade nascente. A figura da "nova mulher" trabalhadora, urbana e emancipada ganhou expressão em discursos, imagens e estilos de vida, marcando uma ruptura com o modelo feminino anterior, atrelado exclusivamente ao lar e à família. Na Espanha, esse processo foi vivenciado em meio a tensões políticas que culminariam na Segunda República (1931), mas já na década de 1920 se observava uma elite urbana em transformação, alinhada aos valores modernos das metrópoles europeias como Paris, Londres e Berlim.

A telefonia, nesse contexto, emergiu como símbolo do progresso e da comunicação moderna. As centrais telefônicas se tornaram ambientes majoritariamente femininos, nos quais jovens mulheres exerciam o trabalho de mediação técnica e relacional por meio dos comutadores manuais. Esse foi um dos primeiros espaços administrativos a se tornar "feminizado", em parte por demandas de disciplina, paciência e sociabilidade atribuídas à mulher. Como mostra a série *As Telefonistas*, essas jovens profissionais eram vistas tanto como ícones de um novo tempo quanto como objetos de controle moral e disciplinar.

A série retrata com precisão simbólica a ambivalência da mulher trabalhadora nos anos 1920: ao mesmo tempo em que ela representa a modernidade, também desafia normas tradicionais sobre o papel feminino na sociedade. As personagens principais enfrentam vigilância constante sobre sua conduta, aparência e sexualidade, aspectos que refletem o modo como a entrada das mulheres no trabalho urbano foi, muitas vezes, condicionada a rígidos padrões de comportamento.

Além disso, o ambiente retratado na série reflete a expansão do capitalismo industrial e burocrático, que exigia novas formas de organização administrativa. Com o crescimento das grandes corporações e dos serviços públicos, ampliou-se a demanda por funções intermediárias, como recepção, atendimento, arquivamento,

digitação e controle de informações. Essas funções foram rapidamente atribuídas às mulheres, consolidando a divisão sexual do trabalho e inaugurando o que Joan Scott (1995) chama de “trabalho feminino institucionalizado”.

Ademais, é importante destacar que, embora *As Telefonistas* seja ambientada na Espanha, suas referências dialogam com transformações mais amplas que atravessavam toda a Europa no período. O papel das mulheres nas centrais telefônicas, por exemplo, é documentado também em países como França, Inglaterra e Alemanha, onde a profissão de telefonista, e posteriormente de secretária, passou a ocupar um lugar fixo no imaginário urbano moderno.

Assim, a série constrói um contexto ficcional fundamentado em elementos históricos reais: a modernização das cidades, a ascensão da comunicação corporativa, o início da profissionalização feminina nas funções administrativas e a tensão constante entre emancipação e controle social. Esses elementos se entrelaçam para formar o plano de fundo simbólico no qual se desenrola a narrativa das personagens, permitindo uma análise crítica das origens dos estigmas e das representações que ainda marcam o Secretariado Executivo na contemporaneidade.

6.2 A figura da secretária e da telefonista no enredo

A série *As Telefonistas* apresenta um panorama denso e simbolicamente potente sobre o trabalho feminino nos primórdios da comunicação corporativa. As protagonistas Lidia, Carlota, Ángeles e Marga atuam em uma companhia de telefonia como telefonistas, mas também exercem funções administrativas, comunicacionais e de organização, atividades que se aproximam consideravelmente do campo de atuação do Secretariado Executivo contemporâneo. Em suas tarefas diárias, conectam chamadas manualmente por meio de cabos e plugues, organizam arquivos e registros, fazem interface direta com superiores hierárquicos e, ao mesmo tempo, lidam com dinâmicas de poder, vigilância e opressão de gênero. Essas mulheres operam em um espaço historicamente marcado por um duplo movimento: a inserção progressiva da mulher no mundo do trabalho e a tentativa constante de controle sobre sua presença, seu corpo e sua voz.

Figura 1 - Vozes Anônimas: O Silêncio por Trás das Conexões



Fonte: ADOROCINEMA. As Telefonistas: fotos da temporada.

Logo no primeiro episódio da série, é possível observar com clareza as protagonistas manuseando painéis de ligação telefônica, recebendo ordens e gerenciando informações com agilidade e precisão. A personagem Sara, uma das únicas mulheres retratadas em um papel de supervisão, por exemplo, é encarregada de organizar documentos e responder diretamente a superiores, evidenciando o caráter técnico e estratégico do trabalho desenvolvido por essas mulheres, que transcende o atendimento telefônico. Ao longo da primeira e segunda temporadas, observa-se que Lidia, Carlota, Marga e Ángeles, em diferentes momentos, manipulam o sistema de chamadas telefônicas da companhia para finalidades diversas. Em algumas situações, fazem isso para se protegerem mutuamente; em outras, cumprem ordens dos chefes da empresa ou da polícia. Esses episódios evidenciam não apenas o domínio técnico das protagonistas sobre os equipamentos e processos de comunicação, mas também sua capacidade de tomar decisões estratégicas em contextos de tensão. Tais ações aproxima o perfil das personagens das atribuições clássicas de uma Secretária Executiva estratégica, rompendo com a imagem passiva e decorativa tradicionalmente atribuída à profissão.

As telefonistas, como retratadas na série, não são apenas agentes técnicas da comunicação, mas também peças fundamentais de um novo cenário urbano, moderno e masculino. No entanto, apesar de seu papel estratégico na empresa, suas funções são subvalorizadas e constantemente associadas à fragilidade, à emoção e à sensualidade. Essa dicotomia reflete a própria construção simbólica da profissional do secretariado ao longo do século XX, tal como denunciada por autores como Bourdieu (1999) e Scott (1995).

Um exemplo emblemático da perpetuação desses estigmas é a personagem Carolina, uma das poucas identificadas como secretária na narrativa. Diferentemente das protagonistas, Carolina é retratada de forma profundamente estereotipada, com traços que a distanciam da figura da “mocinha” tradicional. Sua aparência, marcada por maquiagens mais escuras e roupas sóbrias colabora para a construção de uma personagem associada à frieza, ao mistério e à transgressão, elementos que a posicionam como uma espécie de antagonista moral.

Figura 2 – Carolina



Fonte: ADOROCINEMA. As Telefonistas: fotos da temporada.

No episódio 3 da primeira temporada, por exemplo, é revelado que Carolina teve um relacionamento extraconjugal com um dos donos da companhia telefônica. Enquanto mantém um envolvimento com outro chefe da empresa, ela relata desentendimentos com o diretor da companhia, filho do antigo parceiro. Durante a conversa, o chefe com quem Carolina se relaciona afirma que, se o filho for como o

pai, ela “não terá problemas” para se resolver com ele – sugerindo que o histórico afetivo de Carolina influencia sua situação na empresa. Essa construção narrativa retoma, ainda que de forma crítica, um estereótipo persistente da secretária enquanto mulher envolta em rumores, associada à disponibilidade afetiva e à desconfiança moral.

Por outro lado, a série também oferece uma contranarrativa poderosa: as protagonistas ressignificam seus papéis profissionais e sociais ao longo da trama. Elas não apenas trabalham; articulam-se politicamente, enfrentam chefes abusivos, desafiam o machismo institucional e criam formas de resistência coletiva. Isso é particularmente evidente nas cenas em que organizam protestos internos, desafiam normas da empresa e constroem redes de apoio entre si.

Essa ambivalência entre reforço e contestação dos estigmas revela a riqueza da série como objeto de análise. Ela reflete não apenas o passado da profissão, mas também permite compreender como esses mesmos imaginários continuam a operar no presente. Ao observar o modo como as telefonistas e secretárias são retratadas, é possível perceber que a imagem da profissional de apoio ainda está envolta em discursos que a reduzem, limitam e disciplinam, mas também em movimentos de emancipação que reconstroem seu lugar social e simbólico.

6.3 Relações de gênero, poder e aparência

A série *As Telefonistas* apresenta com clareza as camadas de opressão que recaem sobre as mulheres inseridas no ambiente corporativo da década de 1920, tensionando diretamente as dinâmicas entre gênero, poder e aparência. Ao longo dos episódios, observa-se uma estrutura hierárquica fortemente marcada pela dominação masculina. Homens ocupam os cargos de decisão, controle e comando, enquanto as mulheres são posicionadas como peças operacionais, executoras e subalternas. Tal configuração revela um modelo patriarcal clássico de organização do trabalho, onde o poder é distribuído de forma desigual e rigidamente vinculado ao sexo biológico.

Figura 3 - Presença Silenciosa, Ausência Imposta



Fonte: ADOROCINEMA. As Telefonistas: fotos da temporada.

Essa assimetria não se expressa apenas nas relações funcionais, mas também na construção simbólica do corpo feminino. As telefonistas são observadas, avaliadas e controladas não apenas por seu desempenho técnico, mas, sobretudo, por sua aparência, postura e conduta moral. A série destaca como o ideal de beleza e feminilidade imposto pela sociedade serve como um mecanismo de poder sobre essas mulheres. Elas são constantemente lembradas da importância de se manterem “apresentáveis”, submissas e agradáveis, exigências que vão muito além da função profissional e adentram o campo da vigilância do corpo e da subjetividade.

De acordo com Rosalind Gill (2007), esse processo de disciplinamento midiático do corpo feminino é característico da cultura contemporânea, onde o controle é exercido de maneira difusa, por meio de normas internalizadas e pressões simbólicas. A série antecipa esse fenômeno ao mostrar que, já nos anos 1920, essas mulheres eram ensinadas a se enxergar como vitrine, como imagem institucional da empresa. Isso é reforçado por cenas nas quais superiores masculinos comentam sobre o batom, o penteado ou a postura das funcionárias, deixando evidente que sua corporalidade é politicamente gerenciada.

Uma das cenas que melhor ilustra essa dinâmica ocorre na segunda temporada, no episódio 7, quando um projeto de grande importância, que foi idealizado por uma funcionária, é deliberadamente atribuído a um colega do sexo masculino para ser apresentado publicamente. Uma das diretoras da companhia telefônica chega a afirmar que “uma mísera secretária apresentar o projeto esta noite, além de ser um grande escândalo, é um dano irreparável para a companhia”. Este episódio é uma ilustração clara da violência simbólica discutida por Bourdieu (1999), na qual a competência intelectual da mulher é apagada não por uma regra explícita, mas por uma lógica internalizada que naturaliza a ideia de que o espaço de representação pública pertence ao masculino. A fala da diretora materializa o que Joan Scott (1995) descreve como o ato de “significar relações de poder” por meio do gênero, revelando como as hierarquias de gênero são sustentadas por discursos e práticas cotidianas que legitimam a exclusão feminina dos espaços de decisão e visibilidade

Outro exemplo expressivo está na quarta temporada, no episódio 1, quando funcionários homens questionam a autoridade, a capacidade e se recusam a receber ordens de sua nova chefe mulher. A recusa à autoridade feminina, nesse contexto, não se baseia em critérios técnicos ou administrativos, mas na simples negação de legitimidade a uma liderança que contraria as normas patriarcais vigentes, reafirmando os limites simbólicos impostos à presença da mulher em espaços de comando.

Além da vigilância estética, a narrativa também explora as relações de poder construídas a partir da sedução, do medo e do assédio. As personagens são alvos de investidas de chefes, chantagens emocionais e imposições veladas, o que escancara o quanto o espaço de trabalho era, e ainda é, em muitos contextos um território permeado por micro violências de gênero. A tensão entre manter o emprego e preservar a dignidade é um dilema vivido pelas personagens em diversas situações, e serve como crítica ao modo como o poder é exercido de forma abusiva e naturalizada.

Uma dessas situações ocorre no episódio 3 da primeira temporada, quando um delegado corrupto que está manipulando Lidia, a confronta com segredos de seu passado, e afirma “Você é muito esperta para ser uma mulher”. A fala, carregada de machismo e ironia, tenta reduzir a inteligência da personagem ao seu gênero e, ao mesmo tempo, reafirma a estrutura de dominação que tenta mantê-la submissa.

Esse tipo de representação se conecta diretamente ao debate sobre o imaginário social da secretária e da mulher profissional. Como mostram Scott (1995) e Bourdieu (1999), o poder simbólico opera silenciosamente, por meio de discursos e práticas naturalizadas, que associam o feminino à fragilidade, à disponibilidade e à incompetência estrutural. A série traduz isso não só nas falas dos personagens masculinos, mas também nas dinâmicas internas das próprias mulheres, que disputam reconhecimento, enfrentam rivalidades e negociam sua identidade profissional dentro de um ambiente hostil.

Figura 4 – Duelos Invisíveis



Fonte: ADOROCINEMA. As Telefonistas: fotos da temporada.

É importante destacar que o figurino, a maquiagem e a ambientação visual da série reforçam essas camadas de interpretação. As cores suaves dos uniformes, a disposição das telefonistas em bancadas enfileiradas, a iluminação filtrada e os gestos contidos compõem uma estética de controle e padronização. Ao mesmo tempo, a produção audiovisual usa esses elementos para evidenciar o contraste entre aparência e essência: por trás de rostos maquiados e vozes doces, há histórias de dor, resistência e rebeldia.

Figura 5 – Atrás da Aparência, a Luta



Fonte: ADOROCINEMA. *As Telefonistas*: fotos da temporada.

6.4 Sexualização, subalternidade e resistência

A sexualização das personagens femininas em *As Telefonistas* é um dos aspectos mais marcantes da crítica social presente na série. A narrativa utiliza esse recurso não como artifício meramente estético, mas como um dispositivo político que evidencia as formas de subalternização impostas às mulheres nos ambientes profissionais do início do século XX. As protagonistas, embora constantemente expostas a olhares masculinos e expectativas de comportamento idealizado, não se reduzem a essas molduras simbólicas. Pelo contrário, elas enfrentam essas imposições de maneira ativa, construindo estratégias individuais e coletivas de resistência.

A série mostra que o corpo feminino, especialmente nos espaços de trabalho, não é apenas instrumento de ação, mas também território de disputa simbólica. Como aponta Gill (2007), o sexismo contemporâneo opera por meio de uma estética da liberdade aparente, em que a sexualização da mulher é travestida de empoderamento. Ainda que ambientada na década de 1920, *As Telefonistas* antecipa esse fenômeno ao mostrar como as personagens são encorajadas a manter certa aparência, a sorrir,

a ser agradáveis, como se isso fosse parte do “profissionalismo” esperado. Essa camada simbólica, baseada na estética e na docilidade, oculta a expectativa de submissão e a perpetuação de um ideal de feminilidade funcional ao patriarcado.

Além disso, a série trata de forma direta e sensível episódios de assédio sexual, coerção moral e chantagem, revelando o quanto o desejo masculino sobre o corpo das mulheres é exercido como forma de controle. Ao invés de romantizar essas situações, a narrativa propõe uma abordagem crítica: as protagonistas reagem, denunciam, buscam apoio entre si e articulam saídas possíveis para essas violências.

A resistência das personagens não se dá apenas nos confrontos diretos. Ela também se expressa nas pequenas escolhas cotidianas: Carlota desafia a heteronormatividade e assume sua orientação sexual num contexto hostil; Ángeles rompe com o ciclo de violência doméstica e toma decisões que colocam sua segurança em risco, mas reafirmam sua dignidade; e Oscar, inicialmente apresentado como Sara, afirma sua identidade de homem transgênero e enfrenta, com coragem, as imposições sociais e profissionais. Sua presença no enredo expande o debate sobre gênero, reforçando que a luta por reconhecimento e respeito não é restrita às mulheres cisgênero, mas atravessa diversas experiências dissidentes da norma.

Esse protagonismo multifacetado se contrapõe à imagem da secretária decorativa e hipersexualizada que a mídia historicamente consolidou. Como observa hooks (2019), o processo de opressão das mulheres passa não apenas pela negação de sua voz, mas também pela apropriação simbólica de sua imagem. A série *As Telefonistas* reverte essa lógica ao devolver às personagens sua complexidade, agência e força. O que se vê não são mulheres que sofrem de maneira passiva, mas que reconhecem a violência, nomeiam a opressão e enfrentam seus algozes com inteligência e coragem. Essas trajetórias de resistência individual e coletiva funcionam como uma “contranarrativa”, nos termos de Stuart Hall (2003), que desafia o imaginário hegemônico da mulher – e de outras identidades dissidentes – como passiva e submissa, abrindo espaço para novas possibilidades de representação e significação no campo cultural.

É válido destacar, ainda, que essa resistência das personagens não se limita ao enredo ficcional, mas serve como espelho para reflexões contemporâneas sobre o Secretariado Executivo. Muitas das situações vividas pelas protagonistas, desvalorização, assédio, julgamento estético, invisibilização, ainda fazem parte da realidade de muitos profissionais no Brasil e no mundo. Nesse sentido, a série cumpre

uma dupla função: denuncia os padrões históricos de sexualização e subordinação, ao mesmo tempo em que aponta caminhos para a construção de uma nova narrativa, mais justa, plural e empoderadora.

6.5 Relações entre ficção e realidade: aproximações com o exercício do Secretariado Executivo

A série *As Telefonistas* atua como um potente espelho simbólico da realidade vivida por muitas mulheres no exercício do Secretariado Executivo, tanto no passado quanto nos dias atuais. Ambientada na década de 1920, a narrativa traz à tona um contexto que, embora historicamente distante, compartilha com o presente diversos traços estruturais no que diz respeito à divisão sexual do trabalho, à desvalorização de funções femininas e à persistência de estigmas que associam mulheres de apoio administrativo a figuras estereotipadas.

No plano da ficção, vemos mulheres inseridas em ambientes organizacionais fortemente hierarquizados e masculinizados. As telefonistas, embora executem tarefas fundamentais para o funcionamento da empresa, como controle de informações, atendimento ao público e gestão de comunicação interna, são tratadas como peças substituíveis e vigiadas. Esse cenário reflete uma lógica que ainda opera em muitas organizações contemporâneas, em que a profissional de Secretariado Executivo é constantemente testada em sua capacidade técnica, mas também julgada por seu comportamento, aparência e disponibilidade emocional.

A série não se limita a retratar essas tensões. Ela as dramatiza, amplia e personifica nos conflitos vividos por Lidia, Marga, Carlota e Ángeles. As personagens não só trabalham, mas lutam, denunciam, enfrentam chefes opressores, desafiam normas e constroem redes de apoio. Ao fazer isso, *As Telefonistas* deixa de ser apenas entretenimento e passa a funcionar como um documento pedagógico, um relato simbólico de resistência que ajuda a compreender como os mecanismos de opressão e resistência se entrelaçam no cotidiano das mulheres trabalhadoras.

Essa ficcionalização da experiência feminina no mundo do trabalho dialoga diretamente com os desafios enfrentados pelas profissionais do Secretariado Executivo no Brasil, conforme apontado por Vieira, Zuin e Franklin (2022). As autoras destacam que, mesmo com avanços legais e acadêmicos, a profissão ainda carrega uma herança de desvalorização simbólica e social, especialmente por estar associada

a competências vistas como “naturais” às mulheres, como organização, empatia e comunicação. Ao reproduzir esses papéis historicamente, o imaginário coletivo contribui para que a profissão seja vista como um “prolongamento do doméstico”, o que reduz sua legitimidade enquanto campo técnico e estratégico.

É nesse ponto que *As Telefonistas* oferece uma virada narrativa. As protagonistas não são personagens passivas nem caricaturais. Elas enfrentam o machismo institucional, desafiam estereótipos, ressignificam suas funções e constroem alternativas ao modelo de submissão imposto. Elas deixam claro que a capacidade de liderar, articular e resistir não é incompatível com a função de apoio, ao contrário, é parte constitutiva do que deveria ser reconhecido como a complexidade do trabalho secretarial.

Outro ponto importante de aproximação entre a ficção e a realidade é a forma como a série apresenta as tensões entre aparência e competência. A exigência de que as funcionárias estejam sempre apresentáveis, associadas à docilidade, à estética e à contenção emocional, ainda encontra eco na vida real. A pressão estética que recai sobre as secretárias nos ambientes corporativos modernos, frequentemente relatada em estudos como o de Brun, Cechet e Neumann (2012), revela que a vigilância sobre o corpo e a feminilidade não é apenas histórica, mas sistematicamente reproduzida.

Nesse sentido, a análise da série funciona como um recurso metodológico eficaz para repensar os estigmas que ainda pesam sobre o Secretariado Executivo. Ao mostrar que, desde o início, essas mulheres desempenhavam funções centrais para a engrenagem organizacional, a série convida o espectador a reconhecer que a desvalorização da profissão está muito mais ligada a construções sociais e culturais do que à sua relevância prática. A ficção revela, portanto, as lacunas entre o valor real do trabalho e sua representação simbólica.

Por fim, *As Telefonistas* propõe um exercício de imaginação histórica crítica: e se tivéssemos reconhecido, desde os anos 1920, que essas mulheres não eram apenas vozes ao telefone, mas mentes organizadoras, articuladoras de informação e sustentadoras do fluxo comunicacional moderno? Essa pergunta reverbera na atualidade, quando muitas profissionais da área ainda lutam por reconhecimento, espaço e dignidade no mundo corporativo. A série, nesse contexto, não apenas narra o passado, ela convoca à ação presente e contribui para a construção de um futuro

no qual o Secretariado Executivo seja compreendido, valorizado e respeitado por sua complexidade, técnica e potência transformadora.

Figura 6 – As Telefonistas



Fonte: ADOROCINEMA. *As Telefonistas*: fotos da temporada.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como propósito investigar a forma como a figura da secretária é representada na série *As Telefonistas* e de que maneira essas construções simbólicas contribuem para a perpetuação de estigmas de gênero e da sexualização associados ao exercício da profissão. A escolha do tema partiu da percepção crítica de que o Secretariado Executivo, apesar de sua complexidade técnica e estratégica, ainda carrega marcas simbólicas que o vinculam à subalternidade feminina, à estética como critério profissional e à desvalorização de sua real função organizacional.

A partir de um percurso teórico e metodológico fundamentado em autoras e autores como Joan Scott, Pierre Bourdieu, Silvia Federici, Denise Jodelet, Rosalind Gill e Stuart Hall, entre outros, foi possível construir uma análise crítica das representações midiáticas das profissionais de secretariado. O referencial teórico abordou as relações de gênero, a construção social dos estigmas e a dinâmica das

representações sociais, permitindo articular a análise fílmica da série a uma realidade profissional concreta.

Ao longo da pesquisa, evidenciou-se que a série *As Telefonistas* oferece uma narrativa ambivalente. Por um lado, ainda se percebem traços de estereótipos associados à figura da secretária, como a vinculação a papéis secundários, a sexualização simbólica e a proximidade com dinâmicas de poder masculinas. Esses elementos, mesmo que expostos de forma crítica, demonstram como as representações midiáticas podem reproduzir imaginários limitadores que atravessam a profissão até os dias atuais. Por outro lado, a narrativa também propõe rupturas importantes ao apresentar mulheres que, mesmo diante da opressão social e institucional, constroem trajetórias de resistência, solidariedade e empoderamento no espaço de trabalho.

Assim, a hipótese inicial foi confirmada: A série *As Telefonistas* se apresenta como um objeto midiático de duplo movimento, simultaneamente crítico e reprodutor de estigmas. Tal característica revela a complexidade e as contradições inerentes à representação da mulher na cultura de massa, especialmente quando se trata de profissões associadas ao cuidado, à comunicação e à administração.

Os resultados da análise revelaram que as representações midiáticas exercem um papel fundamental na formação do imaginário coletivo sobre o Secretariado Executivo. Imagens estereotipadas e hipersexualizadas da profissão não apenas reforçam desigualdades de gênero, mas impactam diretamente na valorização simbólica e social da área, afetando a forma como as profissionais são vistas, por si mesmas e pelos outros, dentro das organizações. Neste sentido, a série analisada contribui para tensionar esses discursos ao propor novos sentidos para o papel da mulher no trabalho e na sociedade.

A pesquisa também reafirma a importância de se compreender a mídia como um espaço de disputa simbólica. Representações não são neutras. Elas moldam crenças, reforçam ou subvertem estruturas, e por isso merecem atenção crítica e sistemática. Estudar uma série de ficção como fonte de análise é, portanto, uma estratégia metodológica potente para compreender fenômenos sociais complexos, como a sexualização e a subalternização de determinadas profissões.

Entre as contribuições deste trabalho, destaca-se a possibilidade de repensar as estratégias de formação profissional no campo do Secretariado Executivo, incluindo uma dimensão crítica sobre os estigmas históricos que permeiam a

profissão. Além disso, o estudo contribui para o debate sobre gênero e trabalho ao trazer à tona como a construção cultural de papéis e imagens afeta diretamente a trajetória de mulheres em ambientes organizacionais.

Como limitação, reconhece-se que o recorte proposto, focado em uma única série e em um contexto histórico específico, não dá conta de toda a complexidade e diversidade das representações midiáticas sobre o secretariado. Futuros estudos podem expandir essa análise para outros gêneros audiovisuais, como filmes, novelas, reality shows, publicidade e redes sociais, bem como explorar as vozes das próprias profissionais da área sobre suas experiências e percepções.

Por fim, este trabalho pretende ser um convite à reflexão e à mudança. A desconstrução de imagens estigmatizadas é tarefa coletiva que envolve a formação acadêmica, o posicionamento das profissionais no mercado e, sobretudo, a ocupação ativa dos espaços simbólicos por representações mais justas, plurais e realistas. Que as secretárias, ontem telefonistas, hoje gestoras de informação, assessoramento e comunicação, sejam reconhecidas não pela aparência que projetam, mas pelo protagonismo que exercem na história e no cotidiano das organizações.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, I.; COSTA, S. I. **Secretária: um guia prático**. 4. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1949.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BISCOLI, F. R. V.; BILERT, V. S. S. A evolução do secretariado executivo: caminhos prováveis a partir dos avanços da pesquisa científica e dos embates teóricos e conceituais na área. **Revista Expectativa**, Toledo – Paraná, v. 12, n. 1, p. 9–42, 2013. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/expectativa/article/view/8650>. Acesso em: 27 jun. 2025.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Tradução Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. Disponível em: https://archive.org/details/bourdieu-pierre.-escritos-de-educacao/BOURDIEU-Pierre.-Escritos-de-educa%C3%A7%C3%A3o_text.pdf. Acesso em: 5 jun. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.261, de 10 de janeiro de 1996**. Altera a redação dos incisos I e II do art. 2º, o caput do art. 3º, o inciso VI do art. 4º e o parágrafo único do art. 6º da Lei nº 7.377, de 30 de setembro de 1985. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 11 jan. 1996. Seção 1, p. 1. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9261.htm. Acesso em: 23 maio 2025.

BRUN, A.; CECHET, G.; NEUMANN, S. Gestão secretarial: a evolução das funções do profissional de secretariado e a efetividade da inteligência emocional nos processos de trabalho. **Secretariado Executivo em Revist@**, 8., 2013. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/ser/article/view/3024>. Acesso em: 26 jun. 2025.

CARVALHO, J. E. C. Imaginário e representações sociais. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 36, n. esp., 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/25811>. Acesso em: 5 jun. 2025.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Tradução de Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e lutas feministas**. São Paulo: Elefante, 2017.

FERREIRA, F. D. **A atuação do secretário executivo no setor público: o caso da Universidade Federal do Ceará**. 2011. 118 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior, Fortaleza-CE, 2011.

FRASER, N. A justiça social na globalização. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 76, 2006.

FREITAS, A. A origem da profissão de secretária. **Secretária Sublime**, 2015. Disponível em: <https://secretariasublime.blogspot.com/2015/07/a-origem-da-profissao-de-secretaria.html>. Acesso em: 29 jun. 2025.

GILL, R. **Gender and the media**. Cambridge: Polity Press, 2007.
HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

MARTINS-SANTOS, E. B. Os trinta anos de regulamentação da profissão de secretário no Brasil (1985-2015): contexto e desafios. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa/MG, v. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/7303>. Acesso em: 23 maio 2025.

MICHEL, R. C.; AVELLAR, A. P. Indústria cinematográfica brasileira de 1995 a 2012: estrutura de mercado e políticas públicas. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 24, n.

3, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6351/2065>. Acesso em: 5 jun. 2025.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/25698906/MOSCOVICI_S_Representa%C3%A7%C3%B5es_Sociais. Acesso em: 8 jun. 2025.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

NOOYI, I. Diversity means getting the best and brightest. *CME Group*, 2020. Disponível em: <https://www.cmegroup.com/openmarkets/leadership/2020/16048-indra-nooyi-diversity-means-getting-the-best-and-brightest.html>. Acesso em: 23 maio 2025.

NOGUEIRA, R. M. C. D. P. A.; OLIVEIRA, J. S. F. Profissionalismo e Secretariado: história da consolidação da profissão. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 4, n. 2, p. 1–24, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.7769/gesec.v4i2.209>. Acesso em: 26 jun. 2025.

OLIVEIRA, M. S. B. S. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 55, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/hxygmJs8PvY8S54bqn8hdzQ/>. Acesso em: 6 jun. 2025.

ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

SABINO, R. F.; ROCHA, F. G. **Secretariado: do escriba ao webwriter**. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

SANCHES-CANEVESI, F. C. *et al.* Competências secretarias no mercado de trabalho contemporâneo: um estudo de caso internacional. **Connection Scientific Journal**, v. 6, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.51146/csj.v6i1.74>. Acesso em: 23 maio 2025.

SECRETÁRIA (2002) – Avaliações. **IMDb**. Disponível em: https://www.imdb.com/pt/title/tt0274812/ratings/?ref_=tt_ov_rat. Acesso em: 5 ago. 2025.

SIMONEAU, A. S.; OLIVEIRA, D. C. Representações sociais e meios de comunicação: produção do conhecimento científico em periódicos brasileiros. **Psicologia e Saber Social**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/psi-sabersocial/article/download/14478/10957/0>. Acesso em: 8 maio 2025.

SOARES, W. A.; MELO, S. M. C.; SOUSA, G. S. Representações e estereótipos da carreira do Secretariado no cinema. **Revista Gestão e Secretariado (GeSec)**, São Paulo, v. 15, n. 2, 2024.

SOUZA, G. S.; MELO, S. M. C. Secretariado executivo e os estereótipos de gênero. **Revista GeSec**, São Paulo, v. 14, n. 9, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/374128252_Secretariado_Executivo_e_os_Estereotipos_de_Genero. Acesso em: 1 jun. 2025.

VAZ, C. F. M.; LAIMER, R. T. A inserção da mulher no mercado de trabalho e o surgimento da profissão secretária. **Secretariado Executivo em Revist@**, 6., 2011. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/ser/article/view/1783>. Acesso em: 26 jun. 2025.

VIEIRA, J. O.; ZUIN, D. C.; FRANKLIN, L. A. S. Identidade profissional do Secretariado Executivo: desafios contemporâneos. **Revista Gestão & Sociedade**, 2022.